

MESTRADO

PSICOLOGIA

**FENÓMENOS DE GRUPO EM
PSICOTERAPIA: O ESTUDO DO
CLIMA GRUPAL ATRAVÉS DO
*GROUP CLIMATE QUESTIONNAIRE***

ANA RITA SOUSA BARROS

M

2018



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**FENÓMENOS DE GRUPO EM PSICOTERAPIA:
O ESTUDO DO CLIMA GRUPAL ATRAVÉS DO
*GROUP CLIMATE QUESTIONNAIRE***

Ana Rita Sousa Barros

outubro 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professora Doutora **Filipa Vieira (FPCEUP)**.

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificados em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, estas devidamente citadas no corpo de texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

AGRADECIMENTOS

A todos os que caminharam comigo nesta jornada, o meu sincero agradecimento:

à Professora Filipa Vieira, por todo o apoio, disponibilidade e conhecimento; pela exigência e rigor e pela leveza e humor com que me guiou; e pela segurança e motivação que foi para mim ao longo destes meses.

aos meus pais, por serem a segurança, o conforto e o amor necessários, mas também o incentivo e a coragem!

à Sara, por termos inconscientemente desviado os nossos caminhos e agora termos a certeza que o nosso caminho se fará lado a lado, sempre! E por ser a melhor amiga do mundo!

à Andreia, à Cátia e à Rosa, por serem o melhor que levei, por acreditarem demais em mim e por serem as melhores definições de amizade!

aos meus amigos do Jarda, por continuarmos a crescer juntos e por serem a amizade que todos precisamos.

à Márcia e ao Jorge, por serem os maiores exemplos a nível pessoal e profissional e por serem os anjos do SPSS, e ao Zé, por ser outro anjo, o da guarda.

e, por último, mas com o mesmo amor, a todo(s) o(s) acaso(s) e imprevisto(s) que fiz(eram) parte de todo o processo, por me trazerem o pragmatismo e relativização nas situações, quando só tenho emoção e por me deixarem ser a emoção onde prevalece a razão.

“Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe.” (Clarice Lispector)

RESUMO

O *Group Climate Questionnaire- Short Form (GCQ-S)* (MacKenzie, 1983), avalia a percepção do clima de grupo e é a escala mais utilizada no contexto de psicoterapia de grupo. O objetivo deste estudo, de caráter exploratório, foi a avaliação das qualidades psicométricas deste instrumento em termos da sensibilidade, validade de construto, fidelidade do instrumento e ainda, validade convergente e divergente, numa amostra de adultos portugueses em psicoterapia de grupo.

De forma geral, as propriedades psicométricas do instrumento, na amostra portuguesa, não replicaram aquelas encontradas para a escala original (MacKenzie, 1983), nomeadamente ao nível da estrutura fatorial. Os resultados foram discutidos à luz do enquadramento teórico e procurando, sempre que possível, compará-los com outros estudos que utilizaram o mesmo instrumento. Por falta de solidez dos resultados estatísticos, a atual versão portuguesa da escala, não se mostra robusta para medir o construto de clima de grupo, evidenciando a necessidade de se dar continuidade ao estudo do processo de validação intercultural e a pertinência do uso de outros métodos estatísticos e de uma amostra mais diversificada e extensa.

PALAVRAS-CHAVE: *Group Climate Questionnaire*, psicoterapia de grupo, clima de grupo

ABSTRACT

The *Group Climate Questionnaire-Short Form* (GCK-S) (MacKenzie, 1983) measures the group climate perception and is the most widely used scale in the group psychotherapy's context. The aim of this exploratory study was to analyze the psychometric qualities of this instrument in terms of sensitivity, construct validity, fidelity of the instrument and also, convergent and divergent validity in a sample of Portuguese adults in group psychotherapy.

In general, the psychometric properties of the instrument in the Portuguese sample did not replicate those found for the original scale (MacKenzie, 1983), namely at the factorial level. The results were discussed in the light of the theoretical framework and seeking, whenever possible, to compare them with other studies that used the same instrument. Due to the lack of robustness of the statistical results, the current Portuguese version of the scale is not robust to measure the group climate construct, evidencing the need to continue the study of the intercultural validation process and the pertinence of the use of other statistical methods and a more diverse and extensive sample.

KEY WORDS: Group Climate Questionnaire, group psychotherapy, group climate

RÉSUMÉ

Le *Group Climate Questionnaire - Short Film (GCQ-S)* (MacKenzie, 1983), évalue la perception du climat de groupe et est l'échelle la plus utilisée dans un contexte de psychothérapie de groupe. Cette étude, à caractère exploratoire, eut comme but l'évaluation des qualités psychométriques de cet instrument en termes de sensibilité, de validité de concept de sa fidélité et de la validité convergente et divergente, dans un échantillon d'adultes portugais en psychothérapie de groupe.

De manière générale, les propriétés psychométriques de l'instrument dans l'échantillon portugais n'ont pas répliqué celles qui ont été trouvées par l'échelle originale (MacKenzie, 1983), notamment au niveau de la structure factorielle. Ayant comme base l'encadrement théorique, les résultats ont été discutés et, dans la mesure du possible, comparés avec d'autres études qui ont utilisé le même instrument. Par manque de solidité des résultats statistiques, la version portugaise actuelle de l'échelle n'est pas viable pour mesurer le concept du climat de groupe. Cela met en évidence la nécessité de donner continuité à l'étude du processus de validation interculturel, la pertinence de l'utilisation d'autres méthodes statistiques et d'un échantillon plus diversifié et étendu.

MOTS CLÉS: *Group Climate Questionnaire*, psychothérapie de groupe, climat de groupe

ÍNDICE

Introdução	1
Psicoterapia de Grupo.....	1
Processos e Mecanismos de Mudança em Psicoterapia de Grupo.....	2
Cima de grupo	3
Avaliação do processo grupal: O <i>Group Climate Questionnaire – Short</i>	10
1. Método.....	13
1.1 Objetivos do estudo.....	13
1.2 Instrumentos.....	13
<i>Group Climate Questionnaire – Short</i> (GCQ-S).....	13
Índice de Reatividade Interpessoal (IRI).....	14
Escala de Vinculação do Adulto (EVA).....	15
Inventário de Aliança Terapêutica (IAT-RR).....	15
1.3 Participantes.....	16
1.4 Procedimento de recolha e análise dos dados.....	16
2. Resultados.....	18
2.1 Sensibilidade.....	18
2.2 Validade construto.....	19
2.2.1 Adequação da amostra e teste de validade da análise fatorial.....	19
2.2.2 Análise fatorial.....	19
2.3 Fidelidade/ Confiabilidade.....	21
2.4 Validade Divergente e Convergente.....	21
3. Discussão.....	24
4. Conclusão.....	34

Referências bibliográficas.....	35
--	-----------

ABREVIATURAS

ACP- Análise de Componente Principal

AFC- Análise Fatorial Confirmatória

AFE - Análise Fatorial Exploratória

EVA- Escala de Vinculação do Adulto

GQC-S – *Group Climate Questionnaire- Short*

IAT-RR- Inventário de Aliança Terapêutica- versão reduzida revista

IRI - Índice de Reatividade Interpessoal

QCG-R - Questionário de Clima de Grupo – Reduzido

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Sensibilidade dos itens através dos valores de frequência das respostas aos itens do QCG-R	18
Tabela 2 - Valores de Média, Desvio-Padrão, Assimetria e Curtose do QCG-R.....	19
Tabela 3 - Análise Fatorial do QCG-R - Matriz de correlações com rotação.....	20
Tabela 4 - Valores das correlações inter-itens do QCG-R.....	22

Introdução

Psicoterapia de Grupo

A Psicoterapia de grupo tem uma história multifacetada ao longo dos últimos cem anos, sustentada em teoria, investigação e prática clínica baseada na evidência. A medicina, psicanálise, teatro, comunicação, psicologia social, temas da evolução humana e outros domínios têm contribuído para o estudo desta área.

Assente em bases teóricas de diferentes perspetivas da psicologia, a psicoterapia de grupo é um processo terapêutico que ocorre num contexto de grupo (Yalom & Leszcz, 2005). O grupo é um cenário terapêutico distinto da terapia individual, pois num grupo cada membro aprende com a experiência dos outros elementos, através das relações estabelecidas entre si, que são diferentes das suas relações no dia-a-dia e das relações individuais terapeuta-cliente. Nas terapias de grupo, a experiência individual de cada elemento do grupo é influenciada pela atmosfera de todo o grupo, criando-se um campo de interação que torna esta modalidade terapêutica mais complexa que a individual (Gullo et al., 2015). Todos os membros do grupo envolvem-se em múltiplas interações relacionais que influenciam reciprocamente o comportamento uns dos outros, sendo isto um aspeto único deste tipo de terapia (DeLucia-Waack, Kalodner, & Riva, 2014). A psicoterapia de grupo possui componentes e fatores que podem aumentar a sua eficácia e que emergem associados especificamente aos fenómenos grupais. O ambiente interpessoal e interativo de um grupo é, assim, um mecanismo único e poderoso de mudança por si só, capaz de prever uma parte significativa dos resultados terapêuticos (Burlingame, MacKenzie, & Strauss, 2004).

O paradigma de referência para a compreensão da dinâmica em terapia de grupo é o Modelo dos Doze Fatores Terapêuticos proposto por Yalom (1985). Para este autor, a terapia grupal produz dinâmicas específicas que aumentam a cura e a eficácia do grupo e defende ainda, que a interação entre os membros do grupo é responsável pelo mecanismo de mudança, sendo o papel do terapeuta facilitar essa experiência. Deste modo, propôs, inicialmente, doze fatores terapêuticos que influenciam a mudança na terapia grupal, que

podem ser condensados em onze fatores, uma vez que o fator Aprendizagem Interpessoal engloba duas variantes - *input e output*, posteriormente resumidos num só fator. Esses fatores são bastante estudados e correspondem: à Instilação de Esperança, que promove o desenvolvimento de otimismo para a mudança; à Universalidade, que enfatiza que todos os elementos do grupo partilham problemas e emoções semelhantes; à Comunicação de Informação, útil para que os membros do grupo conheçam melhor o seu problema e adquiram mais capacidade para lidarem com ele; ao Altruísmo, que confere um sentimento de valor positivo em relação ao próprio através da partilha de ajuda aos outros membros do grupo; à Recapitulação Corretiva, de modo a que os membros do grupo tenham a oportunidade de partilhar eventos familiares de forma corretiva; às Técnicas de Socialização, que podem contribuir para o desenvolvimento de competências interpessoais, empatia e tolerância aos outros; ao Comportamento de Imitação, que permite aos membros do grupo aprenderem com as perspetivas dos outros novas estratégias para lidar com problemas; à Aprendizagem Interpessoal –*input e output*, que contribui para o desenvolvimento de *insights* pessoais, através da partilha dos outros membros do grupo, no sentido em que o grupo cria um ambiente que permite que todos interajam de forma mais adaptativa; à Coesão grupal, que confere aos elementos do grupo sentimentos de aceitação, pertença, valor e segurança; à Catarse, que promove a libertação expressão de emoções; e por fim, aos Fatores Existenciais permitindo que se compreenda que na vida existe dor, morte, tristeza, arrependimento e alegria, e que se se aceitar estas condições, pode aprender-se a viver com elas e através delas (Yalom & Leszcz, 2005).

Este modelo continua a ser uma referência e um trabalho de organização heurística relativa à terapia de grupo, independentemente do modelo teórico de base da intervenção (DeLucia-Waack et al., 2014).

Processos e Mecanismos de Mudança em Psicoterapia de Grupo

O debate sobre os construtos e fatores que contribuem para a eficácia da terapia de grupo e quais as vantagens que esta modalidade de intervenção pode trazer para os seus membros, estimulou a pesquisa ao longo dos anos sobre a natureza dos processos e fatores terapêuticos, a sua relação com o grupo, seu impacto nos resultados psicoterapêuticos e sobre os mecanismos de mudança no contexto grupal (Chapman et al., 2012).

Neste sentido, Burlingame, MacKenzie e Strauss (2004) propõem um modelo dos principais fatores que explicam empiricamente a melhoria dos elementos do grupo e os resultados do tratamento em psicoterapia grupal. A complexidade do tratamento em grupo emerge, assim, quando cinco fatores interagem: 1) teorias formais da mudança, que resultam dos diversos modelos teóricos que estruturam e orientam a atividade terapêutica (e.g., teorias psicodinâmicas, interpessoais, modelos cognitivos comportamentais, perspectivas humanistas); 2) características do paciente, nomeadamente ao nível da sua personalidade, estilo de vinculação, competências interpessoais, entre outras; 3) características do líder do grupo relacionadas com as suas dimensões pessoais e técnicas; 4) fatores estruturais do grupo relacionados com aspetos logísticos do funcionamento do grupo, como a frequência e número de sessões, o tamanho do grupo, o *setting* terapêutico e fatores culturais; e 5) processos específicos dos pequenos grupos que refletem fenómenos que ocorrem no seio do grupo e que demonstram que o ambiente terapêutico do grupo é uma fonte de mudança por si só, independentemente dos outros fatores (Burlingame et al., 2004; Lambert & Bergin, 1993).

É precisamente neste último fator que o presente trabalho se centra. Iremos, de seguida, explorar com maior detalhe um dos processos específicos dos pequenos grupos, que tem sido salientado na literatura como central no estudo da psicoterapia de grupo - o clima de grupo (Chapman et al., 2012; Johnson et al., 2005).

Clima de grupo

O clima de grupo é um indicador da atmosfera socioemocional do grupo (Johnson, Burlingame, Olsen, Davies, & Gleave, 2005; Johnson et al., 2006) definindo-se como um construto multidimensional que compreende a perceção de um membro do grupo sobre o envolvimento dos outros membros do grupo, sobre o evitamento em enfrentar tópicos difíceis e sobre o conflito entre os membros do grupo (Gullo et al., 2015). O clima de grupo refere-se à presença de um ambiente terapêutico que facilita a expressão emocional e a autorrevelação dos membros do grupo, a capacidade de resposta de outros membros do grupo à expressão emocional dos outros membros e o significado compartilhado derivado das experiências grupais (Burlingame et al., 2004).

O clima de grupo representa uma parte importante e determinante para o sucesso terapêutico em grupo, tendo impacto direto nos relacionamentos estabelecidos na terapia e na percepção do ambiente do próprio grupo terapêutico (DeLucia-Waack et al., 2014).

Este conceito distingue-se do conceito de coesão de grupo pois corresponde à percepção que cada elemento do grupo possui do ambiente terapêutico de grupo (Johnson et al., 2006) e estende o conceito original de coesão de Yalom, na medida em que descreve não apenas o grau em que o grupo representa uma sensação de aceitação, apoio e pertença ao grupo, mas também descreve este processo de grupo em mais duas dimensões, nomeadamente, conflito e evitamento (Bonsaksen, Lerdal, Borge, Sexton, & Hoffart, 2011).

Embora o construto do clima de grupo tenha sido definido, redefinido e testado psicometricamente de várias maneiras nos últimos 50 anos, não existem definições consensuais (McClendon & Burlingame, 2010). O clima de grupo pode ser visto como uma variável de processo que consistentemente se relaciona com os resultados da terapia de grupo e como um processo de grupo porque espelha a dinâmica relacional dentro das sessões de grupo, contribuindo para o clima socioemocional e sentimental dentro do grupo (McClendon & Burlingame, 2010). Vários aspetos do clima de grupo moldam o clima socioemocional e o ambiente comunicativo de cada grupo, de tal forma que os membros experimentam eventos interpessoais exclusivos em cada sessão, sendo que os membros que participam na mesma sessão dentro de um determinado grupo relatam experimentar o ambiente socioemocional semelhante (Gold, Kivlighan Jr, & Patton, 2013).

Assim, o clima de grupo tem sido conceptualizado em três formas principais. Como um construto geral, pois o clima de grupo reflete a percepção consensual dos membros sobre o ambiente socioemocional das sessões de grupo. Como um construto multifatorial, uma vez que o clima de grupo pode emergir da interação de duas ou mais forças interpessoais e de grupo opostas (e.g., harmonia-raiva, envolvimento-evitamento, proximidade-afastamento) ou de forças interpessoais e de grupo complementares (e.g., dinâmica de relacionamento e coesão do grupo). E como um construto estreito, quando é visto apenas como sinónimo de coesão (Gold et al., 2013).

Para Mackenzie (1983), o clima de grupo pode ser descrito em três dimensões que podem afetar positivamente ou negativamente os membros do grupo: o envolvimento,

que descreve uma atmosfera de trabalho partilhada e está relacionado ao conceito de coesão de Yalom; o evitamento da responsabilidade pessoal para abordar questões difíceis; e o conflito, refletindo raiva, rejeição e desconfiança dentro do grupo. Este autor propõe um modelo abrangente de quatro estádios para explicar como os grupos se desenvolvem ao longo do tempo e como se desenvolve o clima de grupo. No primeiro estádio, os membros envolvem-se e a autorrevelação e o sentido de pertença são estabelecidos. Os membros percebem a universalidade dos seus problemas, gerando-se a aceitação e a esperança. Neste momento, o líder do grupo deve trabalhar ativamente o envolvimento dos membros. O segundo estádio é caracterizado pelo conflito e a diferenciação dos membros do grupo acontece. A atmosfera é conflituosa e a tarefa é tolerar emoções negativas e resolver conflitos. Durante o terceiro estádio, de trabalho interpessoal, o foco muda, deixando-se as diferenças de lado, para se explorar de forma mais profunda as questões individuais e comuns (Bonsaksen et al., 2011; MacKenzie, 1990). O medo da intimidade é desafiado e a coesão do grupo aumenta. Na fase final, os membros lidam com a dor e como lidar com o mundo exterior depois da terapia de grupo terminar (Bonsaksen et al., 2011). É dentro destas dinâmicas que acontece o desenvolvimento do clima de grupo, que, de acordo com Thorgeirsdottir, Bjornsson, e Arnelsson (2015), passa por uma tendência geral de aumento do envolvimento, da diminuição do evitamento e da redução do conflito em diferentes terapias de grupos breves.

Outros estudos levantam importantes questões sobre o desenvolvimento do clima de grupo em terapias de curto prazo e de longo prazo (Bakali, Wilberg, Klungsøyr, & Lorentzen, 2013; Bonsaksen, Borge, & Hoffart, 2013). Estes estudos demonstram que os grupos de curto prazo parecem ter um padrão de desenvolvimento de grupo mais acelerado e grupos de longo prazo apresentaram níveis mais altos de conflito e evitamento em sessões intermédias da terapia de grupo e níveis mais baixos de conflito e evitamento em sessões tardias, quando comparados com grupos de curto prazo.

O clima de grupo mostra ser um mecanismo ativo de mudança por si só (Kivlighan Jr & Kivlighan III, 2013; Lambert, 2013) em diferentes tipos de grupos, nomeadamente em grupos de adultos, grupos de adolescentes com transtornos de humor (O'Brien, 2016) e grupos com fobia social e ansiedade (Bonsaksen et al., 2011). O clima de grupo pode relacionar-se, também, com tarefas de diálogo intergrupar, havendo evidências que em grupos heterogéneos no género, raça e etnia, religião e espiritualidade, orientação sexual

ou classe social, as percepções de envolvimento dos membros do grupo aumentam significativamente e as suas percepções de evitamento diminuem significativamente, ao longo do desenvolvimento do grupo, revelando, assim, que o clima de grupo positivo favorece a construção de relacionamentos entre os grupos tão diferentes (Muller & Miles, 2017).

Este conceito apresenta relações muito próximas com vários outros constructos relacionados com processos específicos dos pequenos grupos, nomeadamente com os conceitos de coesão, empatia, aliança terapêutica e vinculação.

A coesão é definida como o sentido de unidade e a percepção de pertença a um grupo (Johnson et al., 2006), traduzindo-se pelos relacionamentos no interior do grupo a vários níveis: membro-grupo, membro-membro, membro-líder e líder-grupo. É um aspeto crucial da relação terapêutica grupal, tendo vários autores mostrado que a coesão grupal apresenta uma relação linear e positiva com os resultados da terapia de grupo (Burlingame, McClendon, & Alonso, 2011; Johnson et al., 2006). A coesão parece estar associada de forma positiva ao resultado do grupo quando o objetivo é a redução de um sintoma ou a melhoria no funcionamento interpessoal dos membros do grupo (Budman et al., 1989; Burlingame et al., 2011; Marziali, Munroe-Blum, & McCleary, 1997). Para uma melhor compreensão do efeito da coesão nos resultados da terapia de grupo alguns mediadores e moderadores deste efeito são salientados na literatura, nomeadamente: a idade média dos participantes, sendo que participantes mais novos apresentam resultados com maior magnitude de efeito; algumas características do grupo como o número de elementos, sendo que grupos constituídos entre 5 a 9 elementos apresentam maior coesão, do que grupos maiores; e o número de sessões, sendo que intervenções com 12 ou mais sessões, apresentam mais coesão, do que grupos com intervenções mais curtas (Burlingame et al., 2011). A coesão e o clima de grupo são construtos interrelacionados, mas o clima de grupo distingue-se da coesão por ir mais além deste, englobando mais do que o grau demonstrado pelo grupo da sensação de aceitação, apoio e pertença, caracterizando-se também pelas dimensões do conflito e evitamento (Bonsaksen et al., 2011).

A empatia é outro construto basilar para a terapia e pode ser entendida como a capacidade do cliente ser entendido pelo terapeuta e pelo grupo e como uma resposta afetiva (Davis, 2018; Limpo, Alves, & Castro, 2010). Ganhou aceitação quase universal

em relação ao seu valor terapêutico positivo numa grande variedade de orientações psicoterapêuticas (Chapman et al., 2012). A empatia ajuda a fomentar um clima seguro entre os membros do grupo, ajudando-os a sentirem-se cuidados e integrados no grupo (Gold et al., 2013). A empatia grupal vista como um processo em que os membros de um grupo começam a internalizar e a experimentar as perspectivas e emoções dos membros do grupo, aumenta o desenvolvimento de um clima de grupo favorável (Sirin, Valentino, & Villalobos, 2016). Além disto, a empatia sentida por um membro do grupo pelos outros membros e pelo líder condiciona o desenvolvimento do clima de grupo, na medida em que quanto mais empatia sentida entre os membros de um grupo e o próprio líder, mais favorável será o desenvolvimento de um clima de grupo positivo e que demonstra mais resultados terapêuticos (Gold et al., 2013; Sirin et al., 2016).

A aliança terapêutica é basilar na construção de uma relação entre o terapeuta e os membros do grupo, essencial para o funcionamento do grupo e para o clima grupal favorável (Gaston & Marmar, 1991; Johnson et al., 2005). A aliança terapêutica funciona como o nível de comprometimento mútuo e colaborativo entre o terapeuta e o cliente, traduzindo o quão bem o terapeuta e o cliente trabalham juntos. O desenvolvimento de uma boa aliança terapêutica no início da terapia é vital para o sucesso da terapia (Mikulincer & Shaver, 2007), evitando que os clientes desistam e criando um espaço de trabalho colaborativo para introduzir novas formas de abordar as preocupações dos clientes (Horvath, 2000; Horvath, Del Re, Flückiger, & Symonds, 2011). Em psicoterapia de grupo, a aliança terapêutica corresponde à responsabilidade compartilhada, entre os membros do grupo e o líder, para trabalharem em direção aos objetivos do tratamento, apresentando uma relação preditiva com os resultados positivos da mesma (Chapman et al., 2012). O conceito de aliança terapêutica pode ser visto, assim, com uma entidade dinâmica, composta por vários elementos, quer relacionais, quer técnicos, que definem a terapia numa relação codeterminada pelo terapeuta e o cliente (Costa, 2014; Johnson et al., 2006). Dentro desses elementos estão presentes a coesão, a empatia, o consenso de objetivos, a colaboração mútua, a consideração positiva, o *feedback*, a reparação de rupturas da aliança, a autorrevelação e a interpretação da relação existente entre terapeuta e cliente (Horvath, 2005; Horvath et al., 2011). Outras definições deste construto ajudam a compreender a sua importância. Strauss e Johnson (2006) sugerem que a aliança é um agente terapêutico por si só, na medida em que facilita a adesão dos clientes à sua condição clínica e aos métodos de tratamento. No contexto de terapia de grupo, o

desenvolvimento da aliança terapêutica é afetado por todos os processos de grupo, diminuindo a força da mesma em momentos de rutura no grupo e aumentando em função do trabalho terapêutico. A qualidade da aliança terapêutica aumenta à medida que a terapia se desenvolve e correlaciona-se significativamente com a redução de sintomas e com o funcionamento interpessoal, ou seja, parece existir uma associação entre uma boa aliança terapêutica e resultados terapêuticos positivos (Gaston, 1990; Ramos, 2008). A aliança terapêutica tem impacto nos resultados da terapia de grupo, na medida em que aumenta de forma linear durante o curso do tratamento e aumenta o clima de grupo favorável (Hatcher, Barends, Hansell, & Gutfreund, 1995; Ramos, 2008; Woody & Adessky, 2002).

Por fim, a vinculação tem importantes implicações na psicoterapia individual e grupal. Nesta perspetiva, os terapeutas funcionam como figuras de vinculação (Costa, 2014). No que diz respeito ao grupo, a vinculação deriva da força da identificação abstrata entre membros de um grupo. A vinculação de grupo é, assim, um mecanismo disposicional que transcende a proximidade e o conhecimento de um membro específico do grupo, podendo ser concetualizada como a força de identificação de um elemento do grupo com o restante grupo (Tasca et al., 2006). Quanto mais forte for a identificação, mais disposto estará um elemento do grupo a partilhar as suas experiências pessoais e recursos com os outros membros do grupo e para além disto, a força de identificação ao grupo afeta a maneira pela qual os indivíduos equilibram interesses individuais e coletivos no grupo (Baldassarri & Grossman, 2013). A vinculação ao grupo é apontada como afetando positivamente o comportamento pró-social dos indivíduos e a proximidade entre os membros do grupo (Baldassarri & Grossman, 2013). Quanto aos estilos de vinculação na terapia de grupo, estudos evidenciam que a terapia de grupo promove ligações mais seguras devido ao processo de grupo provocar emoções poderosas nos seus elementos (Flores, 2010). As diferenças individuais ao nível dos estilos de vinculação influenciam a forma como no grupo, os membros e o líder interagem, nomeadamente ao nível do funcionamento interpessoal e da dinâmica do grupo (Marmarosh, 2014). Por um lado, o estilo de vinculação do líder do grupo parece ter impacto nos membros mais vulneráveis do grupo que procuram na terapia de grupo uma base de vinculação segura (Kivlighan, Lo Coco, & Gullo, 2012). E por outro lado, alguns estudos demonstram que membros do grupo com estilos de vinculação mais ansiosos, preocupados e com medo de abandono, apresentam melhores resultados em terapias de grupo que promovam a coesão e foquem

a regulação emocional, comparados com elementos de grupos com estilos de vinculação mais seguros. No entanto, indivíduos com estilos de vinculação evitantes, descritos como tendo uma tendência maior para se afastarem-se dos relacionamentos, têm maiores taxas de abandono da terapia de grupo, por se sentirem desconfortáveis com a maior coesão, ao contrário dos membros do grupo com estilos de vinculação mais ansiosa (Tasca et al., 2006). Assim, pode ser necessário adaptar as intervenções consoante o estilo de vinculação dos membros do grupo (e.g., indivíduos com um padrão de vinculação inseguro/ansioso podem beneficiar de terapias que facilitem a gestão e expressão de emoções, através do uso de estratégias para regular o afeto) (Marmarosh, 2014).

Em suma, estudos sobre o clima de grupo, coesão, aliança terapêutica, vinculação e empatia indicam que cada um desses construtos apresenta resultados positivos que predizem o resultado no tratamento em grupo. Estes construtos parecem contribuir para um clima terapêutico útil que estimula o desenvolvimento de outros processos terapêuticos positivos (Johnson et al., 2005).

Posto isto, o clima de grupo torna-se, assim, um construto importante para a investigação na medida em que parece funcionar como um processo de mudança em si mesmo dentro do grupo. Para além disso, o clima de grupo é visto como um cofacilitador das relações entre os membros do grupo e o líder e um mediador dos resultados em grupo (Muller & Miles, 2017). Estudar e compreender melhor o construto de clima de grupo pode ajudar a construir estratégias para que os membros se envolvam em mais interações entre si, contribuindo assim para melhores resultados na terapia de grupo e para além disto, pode ajudar a compreender em que medida variáveis como empatia, vinculação e aliança terapêutica influenciam o desenvolvimento de um clima de grupo favorável (Gold et al., 2013; Johnson et al., 2005). Mais ainda, estudar este construto através do uso de instrumentos específicos, pode permitir identificar diferentes padrões de desenvolvimento de clima de grupo ao longo do tempo de terapia no grupo e a sua relação com o resultado terapêutico (Kivlighan Jr & Kivlighan III, 2013) e possibilitar o estudo do clima de grupo precocemente, ou seja, em sessões iniciais, para detetar dificuldades no grupo e ir corrigindo ao longo do processo (Johnson, 2013). O estudo deste construto fornece, portanto, indicações ao terapeuta no sentido de potencializar o envolvimento e minimizar o conflito e evitamento, uma vez que isto parece estar associado a melhores resultados terapêuticos (Ogrodniczuk & Piper, 2003).

Avaliação do processo grupal: O *Group Climate Questionnaire – Short*

Apesar da existência de vários instrumentos que avaliam os fenômenos grupais, cujo foco incide sobre alguns dos construtos explanados anteriormente (e.g., California Psycotnerapy Alliance Scale for Group – Short, Gaston & Marmar, 1991; Group Questionnaire, Burlingame, 2010) esta não é uma tarefa fácil devido à complexidade e à sobreposição que por vezes acontece entre os mesmos. No entanto, o clima de grupo surge na literatura como um dos construtos centrais para se compreender o processo grupal e são apontados vários benefícios para medir o clima de grupo em processos de psicoterapia de grupo. Primeiro, do ponto de vista grupal, as pontuações de clima de grupo alertam o terapeuta para mudanças na dinâmica de grupo. Num nível individual, as pontuações de clima de grupo ajudam os terapeutas a compreender a experiência dos membros individuais do grupo, o que pode ser útil para direcionar as intervenções. Em segundo lugar, uma vez que os grupos podem ser concetualizados como sistemas sociais, e neste prisma, o clima de grupo enquanto medida de autorrelato, pode ajudar a identificar os estágios de desenvolvimento do grupo (Bilican & Mceneaney, 2017). Terceiro, as dimensões do clima de grupo mostram estar relacionadas com o processo de mudança na psicoterapia de grupo. Nos grupos de terapia, o envolvimento parece estar consistentemente associado a um bom resultado nos níveis de grupo e individual e maiores níveis de mudança (Johnson et al., 2006).

O *Group Climate Questionnaire – Short (GCQ-S)*, desenvolvido por MacKenzie (1983), é a medida mais comumente usada na literatura para avaliar o processo de grupo, representando o conceito de clima grupal. É a medida de processo de grupo mais usada, em diferentes tipos de grupos independentemente da orientação teórica (e.g., psicoterapia, grupos de crescimento interpessoal), em diferentes contextos (e.g., pacientes internados, pacientes em ambulatório) e com grupos de durações variáveis (Johnson et al., 2006).

Esta escala pretende avaliar o clima socioemocional do grupo (Kivlighan Jr, Multon, & Brossart, 1996), acedendo às percepções dos membros do grupo acerca do ambiente terapêutico (Johnson et al., 2006), tendo partido o seu autor da premissa de que num grupo bem-sucedido, os seus elementos percebem o clima de grupo com maior envolvimento e caracterizado por menos conflito e ansiedade e menos evitamento de situações difíceis (MacKenzie, 1983). É uma medida de autorrelato, inicialmente composta por 32 itens e

8 subescalas, mas que foi posteriormente reduzida, sendo na sua versão atual composta por 12 itens, organizados em 3 subescalas: (1) envolvimento, que descreve o trabalho terapêutico construtivo e capta os vínculos afetivos do grupo; (2) evitamento, que mensura o quanto os membros do grupo evitam a responsabilidade pelo próprio processo de mudança e reflete os esforços dos membros para se adequarem às expectativas percebidas; e (3) conflito, que mede a raiva/desacordo interpessoal e a tensão grupal.

Relativamente às propriedades psicométricas desta escala, no estudo da consistência interna das subescalas do GCQ-S encontraram-se valores de Alpha de Cronbach que determinam uma boa consistência interna para as subescalas do envolvimento (com valores a oscilarem entre .70 e .94) e do conflito (com valores a oscilarem entre .69 e .96) e uma consistência baixa para a subescala do evitamento (com valores a oscilarem entre .36 e .59) (Gullo et al., 2015; Johnson et al., 2005; Johnson et al., 2006). Em estudos mais recentes (e.g., Bonsaksen et al., 2011; Joyce, MacNair-Semands, Tasca, & Ogrodniczuk, 2011; Kivlighan Jr, London, & Miles, 2012) mantem-se a mesma estrutura fatorial. A validade de construto deste instrumento foi testada também por vários autores, tendo sido encontrada uma boa relação com os resultados da terapia, do processo e em diferentes populações (Bakali et al., 2013; Bonsaksen et al., 2011; Gullo et al., 2015; Johnson et al., 2005; Johnson et al., 2006; Tasca et al., 2006).

Todas as subescalas parecem estar associadas a melhorias sintomáticas percebidas pelos membros do grupo (Crowe & Grenyer, 2008; Johnson et al., 2005; Kivlighan Jr & Tarrant, 2001; Ogrodniczuk & Piper, 2003; Ryum, Hagen, Nordahl, Vogel, & Stiles, 2009). Os grupos com resultados terapêuticos mais pobres são caracterizados por resultados mais elevados na escala de conflito e grupos com mais sucesso na terapia manifestaram pontuações de envolvimento elevadas e crescentes ao longo do tempo (Johnson et al., 2006). De acordo com o estudo de Burlingame e colaboradores (2011) valores mais elevados na escala do envolvimento estão associados a resultados positivos da terapia, quer a nível grupal, quer a nível individual, sendo esta subescala comumente considerada como um indicador de coesão (Lambert, 2013). A escala de conflito parece predizer negativamente os resultados da terapia e o fator evitamento, sendo considerado em vários estudos como a subescala mais problemática a nível psicométrico, apresenta uma relação inconsistente com os resultados da terapia, (Bakali et al., 2013; Gullo et al., 2015; Johnson et al., 2006). Ogrodniczuk e Piper (2003) num estudo sobre os resultados do tratamento em terapias breves verificam que o envolvimento aumenta ao longo das

sessões e o evitamento e o conflito não apresentam aumento significativo. Para além disto, algumas interações entre as subescalas da GCQ-S, nomeadamente entre o envolvimento e o conflito, são visíveis, estando o envolvimento negativamente associado a um resultado favorável quando o conflito é alto. Quando o conflito é baixo, o envolvimento está positivamente correlacionado com um resultado favorável da terapia. As interações entre o evitamento e o conflito refletem que a perceção do conflito no grupo conduz a mais evitamento e consecutivamente a piores resultados. Um menor evitamento indica que os membros de grupo estão mais dispostos a olhar para questões importantes. O envolvimento reflete o nível de trabalho no grupo, pressupondo autorrevelação de informação pessoal e isto pode apresentar ansiedade inerente e por isso maior evitamento (Ogrodniczuk & Piper, 2003).

Ao analisar as associações das subescalas do GCQ-S com outras medidas que avaliam constructos próximos, Johnson e colaboradores (2006) verificaram que a subescala do envolvimento apresenta uma associação significativa com a subescala de coesão do *Curative Climate Instrument* (Fuhriman, Drescher, Hanson, Henrie, & Rybicki, 1986). De igual modo, Joyce e colaboradores (2011) encontraram uma correlação significativa entre quatro fatores terapêuticos (instilação de esperança, expressão emocional segura, consciência do impacto relacional e aprendizagem social) avaliados através do *Therapeutic Factors Inventory—Short Form's* (Joyce et al., 2011) e o GCQ-S, sendo esta correlação positiva com a subescala de envolvimento e negativa com a subescala de conflito. Relativamente à subescala de evitamento, outro estudo que também examina as relações entre o clima do grupo e os fatores terapêuticos, não encontra nenhuma relação consistente entre esta subescala do GCQ-S e os fatores terapêuticos, os processos em grupo ou os resultados dos membros. Isto deve-se muito provavelmente ao facto desta subescala do evitamento ter uma fraca consistência interna e fraca confiabilidade, o que levou estes autores a recomendar que os investigadores abandonem o uso desta subescala da GCQ-S em futuras pesquisas (Burlingame et al., 2006).

Em suma, a GCQ-S, que será alvo, no presente estudo exploratório, da avaliação das suas propriedades psicométricas, numa amostra portuguesa, é a medida mais usada para avaliar o clima grupal, uma vez que a cotação através de uma escala de Likert de sete pontos simplifica as análises estatísticas, as suas qualidades psicométricas estão bem documentadas e de fácil aplicação e respostas (Johnson et al., 2005).

1. Método

1.1 Objetivos do estudo

O presente estudo teve como objetivo a avaliação das características psicométricas de um instrumento de avaliação do clima grupal, o *Group Climate Questionnaire – Short*, desenvolvido por MacKenzie (1983), em termos da sensibilidade, validade de construto, fidelidade do instrumento e ainda, validade convergente e divergente, numa amostra de adultos em psicoterapia de grupo. O presente estudo, de caráter exploratório, pretendeu ser igualmente um contributo teórico e metodológico para a compreensão dos processos terapêuticos em psicoterapia de grupo, constituindo uma primeira linha de investigação no campo da adaptação e tradução de instrumentos psicológicos, contribuindo para uma futura disponibilização de um instrumento internacionalmente credível para a investigação em língua portuguesa, através da sua validação fatorial.

É necessário a existência de alguma uniformidade e consenso sobre os instrumentos que avaliam um determinado construto, relativamente à sua validade e confiabilidade, de modo a que seja possível fazer comparações entre estudos, populações, culturas e países (DeLucia-Waack et al., 2014). Este é um objetivo primordial no processo de validação de uma escala de medida para outro contexto cultural. Neste sentido, o processo de tradução e adaptação de instrumentos de avaliação psicológica requer um conjunto de procedimentos que assegurem a sua validade (Borsa, Damásio, & Bandeira, 2012), que serão apresentados no tópico referente ao procedimento.

1.2 Instrumentos

O Group Climate Questionnaire – Short (GCQ-S)

Uma vez que a criação e desenvolvimento do GCQ-S, bem como as suas propriedades psicométricas, foram já descritas anteriormente na introdução, faremos apenas agora a sua apresentação. O *Group Climate Questionnaire – Short* (GCQ-S) (MacKenzie, 1983), na sua versão portuguesa denominado de Questionário de Clima de Grupo – versão reduzida (QCG-R) (Vieira, Barros, Ribeiro & Torres, 2018). Este é uma

medida de autorrelato, composta por 12 itens classificados numa escala de Likert de 7 pontos que avalia o grau de acordo com as afirmações, pontuada de 0 (“nada”) a 6 (“extremamente”). Os 12 itens organizam-se em 3 subescalas que representam o comportamento do clima do grupo: a subescala do Envolvimento, que descreve o trabalho terapêutico construtivo e capta os vínculos afetivos do grupo, incluindo fatores como uma atmosfera de trabalho positiva (item 1), compreensão cognitiva (item 2), sentido de participação no grupo ou coesão grupal (item 4), confrontação (item 8) e autorrevelação (item 11); a subescala do Evitamento mensura o quanto os membros do grupo evitam a responsabilidade pelo próprio processo de mudança e reflete os esforços dos membros para se adequarem às expectativas percebidas (Lambert, 2013), incluindo fatores como o evitamento de problemas entre membros (item 3), dependência do líder do grupo (item 5) e envolvimento numa monitorização de comportamentos sociais elevada (item 9), por outras palavras reflete fatores associados com a conformidade, superficialidade e negação das responsabilidades (DeLucia-Waack et al., 2014); e a subescala do Conflito, que mede a raiva/desacordo interpessoal (item 6), afastamento entre elementos (item 7) a desconfiança mútua (item 10) e a tensão grupal (item 12) (Gullo et al., 2015; Johnson et al., 2005; Johnson et al., 2006).

De modo a permitir uma análise das propriedades psicométricas deste instrumento, nomeadamente ao nível do estudo da validade convergente e divergente, outros instrumentos já validados para a população portuguesa foram usados neste estudo.

Índice de Reatividade Interpessoal (IRI)

O Índice de Reatividade Interpessoal (IRI) (*Interpersonal Reactivity Index*, Davis, 1980; Versão Portuguesa de Limpo, Alves & Castro, 2010) foi utilizado no presente estudo com a intenção de medir a empatia. Este instrumento parte de uma conceção multidimensional de empatia e compõem-se, na sua versão portuguesa, por 24 itens, pontuados numa escala de Likert de 5 pontos (de 0 “não me descreve bem” até 4 “descreve-me muito bem”) e divide-se em quatro subescalas de fatores: tomada de perspetiva, preocupação empática, desconforto pessoal e fantasia. A consistência interna das subescalas deste instrumento foram calculadas através do valor de α de Cronbach, obtendo-se coeficientes globais moderados, variando os valores entre .73 para a subescala

de tomada de perspectiva, .76 para a subescala da preocupação empática, .80 para a subescala do desconforto pessoal e .84 para a subescala de fantasia (Limpo et al., 2010).

Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A Escala de Vinculação do Adulto (EVA) (*Adult Attachment Scale-R*, Collins & Read, 1990; Versão Portuguesa M. C. Canavarro, 1995) foi, igualmente, utilizada neste estudo com a função de avaliar a vinculação no adulto, através da mensuração de sentimentos sentidos pelos sujeitos relativamente às relações afetivas. Este instrumento organiza-se em 18 itens, pontuados numa escala de Likert de 5 pontos (de 1 “nada característico em mim” até 5 “extremamente característico em mim”) e divididos em 3 dimensões: o conforto com proximidade, a confiança nos outros e a ansiedade. Relativamente à consistência interna, a subescala da ansiedade apresenta um valor elevado de alpha .84, a subescala do conforto com a proximidade apresenta um valor de .67 e a subescala da confiança nos outros apresenta um valor de .54. O valor de alpha para o total da escala é elevado ($\alpha = .81$) (Canavarro, Dias, & Lima, 2006).

Inventário de Aliança Terapêutica (IAT-RR)

O Inventário de Aliança Terapêutica (IAT-RR) – versão C reduzida e revista (*Working Alliance Inventory – WAI - SR*, Horvath & Greenberg, 1989, na sua versão portuguesa de Paulo P. Machado, 2006) foi usado para avaliação da qualidade da aliança terapêutica através de 12 itens, dividido em 3 subescalas: Vínculos, Objetivos e Tarefas, classificáveis numa escala de Likert de 5 pontos (de 1 “raramente” até 5 “sempre”). Este instrumento baseia-se num modelo da aliança terapêutica que postula que o conceito de aliança terapêutica se divide em dois níveis, com um nível de primeira ordem constituído por três fatores específicos – tarefas, vínculos e objetivos – e outro de segunda ordem, correspondente à aliança terapêutica. O IAT-RR total obteve um valor de consistência interna, medida pelo Alpha de Cronbach, de .85. O Alpha da subescala de vínculos foi de .69, o da subescala de objetivos foi de .81 e o da subescala de tarefas foi de .69 (Ramos, 2008).

1.3 Participantes

A amostra é constituída por 56 sujeitos, dos quais 66.1% (N=37) são do sexo feminino e 33.9% (N=19) do masculino, com idades compreendidas entre os 19 e os 62 anos (M=39.7; DP=11.5). Relativamente à formação académica, 51,8% da amostra tem uma licenciatura (N=29), 25 % (N=14) mestrado, 14.3% (N=8) com formação até ao 12º ano, 7.1% (N=4) da amostra tem doutoramento e apenas 1.8% (N=1) com formação até ao 9º ano de escolaridade, não existindo nenhum sujeito com menos que esta formação. Os participantes encontram-se a frequentar a terapia em média há 19.4 meses (DP=20.4). Apesar de uma grande diversidade de motivações apresentadas pelos participantes para frequentar a terapia de grupo, os motivos mais frequentes são a presença de sintomatologia ansiosa e depressiva, situações de desenvolvimento de competências sociais/relacionais e desenvolvimento pessoal/autoconhecimento.

Os participantes integravam 8 grupos de psicoterapia, com funcionamento semanal, orientados por 6 terapeutas. Relativamente aos terapeutas, 66.7% são do sexo masculino (N=4) e 33.3% do sexo feminino (N=2). A idade média dos mesmos é de 53.5 anos (DP=11.5) e apresentam cerca de 20.3 anos (DP=10.1) de experiência clínica. Quanto à área de formação, 66.7% são psicólogos (N=4) e 33.3% com formação na área de Psiquiatria (N=2). Todos os terapeutas orientam os seus grupos baseando-se no modelo teórico do Psicodrama, no contexto privado. Estes grupos iniciaram-se em média há 51 meses (DP=39.3).

1.4 Procedimento de recolha e análise dos dados

O consentimento para a tradução da versão portuguesa do GCQ-S foi obtido junto da empresa detentora dos direitos de autor do instrumento (*OQ Measures LLC*).

A recolha de dados foi efetuada num contexto de psicoterapia de grupo, tendo sido constituída uma amostra por conveniência. Foram contactados profissionais da área de psicoterapia de grupo e pedida da colaboração para o presente estudo. Este foi explicado a todos os participantes, que preencheram um consentimento que atestava a sua disponibilidade e vontade de colaborar, e foi garantido o anonimato e confidencialidade de todos os dados. A recolha de dados foi feita em grupos de terapia de grupo no contexto de clínica privada nas cidades Porto e Lisboa.

Para a concretização da tradução e adaptação do GCQ-S para o contexto português, o presente trabalho, de carácter exploratório, guiou-se pelos seguintes procedimentos: (1) tradução do instrumento do idioma-origem para o idioma-alvo, (2) realização da síntese das versões traduzidas, (3) tradução reversa, (4) revisão das traduções por *experts*, (5) avaliação do instrumento pelo público-alvo e (6) estudo piloto (Beaton, Bombardier, Guillemin, & Ferraz, 2000; Borsa et al., 2012; Sousa & Rojjanasrirat, 2011).

Assim, com base nestes pontos, a escala foi traduzida por dois elementos da equipa de investigação individualmente e discutida em conjunto, chegando-se ao consenso da versão traduzida final, o mais fiel possível à original. Posteriormente, a versão traduzida foi retrovertida por um tradutor bilingue independente. A versão retrovertida da escala foi novamente discutida pela equipa de investigação e pela tradutora para esclarecer algumas expressões. Chegada à versão final da escala, esta foi avaliada por 5 pessoas externas ao processo de tradução e retroversão, que já integraram grupos de psicoterapia, com o objetivo de verificar a compreensão e formulação clara dos itens da escala. A partir das sugestões recolhidas, encontrou-se a versão final do Questionário de Clima de Grupo – versão reduzida (QCG-R).

Posto isto, a nova versão da escala foi alvo de procedimentos estatísticos para avaliar as suas qualidades psicométricas (Bilican & Mceneaney, 2017). A estrutura fatorial foi analisada por meio da Análise de Componente Principal (ACP). A validade de construto foi avaliada através do uso de outros instrumentos já validados para a população portuguesa, mencionados anteriormente. A consistência interna do questionário QCG-R e das suas subescalas foi avaliada através dos valores de Alpha de Cronbach.

2. Resultados

De seguida, serão apresentados os resultados relativos à sensibilidade dos itens, à validade de constructo, à fidelidade e à validade convergente e divergente do Questionário de Clima de Grupo – versão reduzida (QCG-R) (Vieira, Barros, Ribeiro & Torres, 2018), relativos à nossa amostra.

2.1 Sensibilidade

Para avaliação da sensibilidade dos resultados, procedeu-se à análise de frequências para todos os itens, no sentido de verificar se todas as categorias de resposta estavam representadas na amostra.

Tabela 1- Sensibilidade dos itens através dos valores de frequência das respostas aos itens do QCG-R

Escala de resposta	0 (Nada)	1 (Quase Nada)	2 (Um Pouco)	3 (Pouco)	4 (Bastante)	5 (Muito)	6 (Extremamente)
Item 1	0	0	0	10	19	19	8
Item 2	0	0	0	9	15	27	4
Item 3	11	18	11	12	2	0	0
Item 4	0	0	1	10	17	18	10
Item 5	5	4	5	14	12	10	5
Item 6	30	15	7	1	0	0	0
Item 7	29	18	4	5	0	0	0
Item 8	4	3	6	17	15	7	3
Item 9	1	8	4	10	21	7	4
Item 10	34	19	3	0	0	0	0
Item 11	3	6	3	13	20	10	0
Item 12	7	11	9	21	7	0	0

Como se pode observar na tabela 1, de uma forma geral os itens não se revelam sensíveis, uma vez que nem todas as categorias de resposta são seleccionadas na resposta de cada um dos itens. Os itens 5, 8 e 9 mostram ter maior sensibilidade e o item 10 é o que apresenta menor sensibilidade.

Na tabela 2 podemos observar também os valores médios obtidos nas subescalas assim como os valores de assimetria e curtose. Pela análise destes últimos, que se situam entre os valores de -1 e +1, podemos atestar a normalidade das distribuições.

Tabela 2 – Valores de Média, Desvio- Padrão, Assimetria e Curtose do QCG-R

Subescalas	M (DP)	Assimetria	Curtose
Envolvimento	4.13 (.83)	-.37	-.51
Evitamento	2.73 (.87)	-.83	.61
Conflito	1.00 (.61)	.00	-.88

2.2 Validade constructo

2.2.1 Adequação da amostra e teste de validade da análise fatorial

O teste de esfericidade de Bartlett ($p < .000$) bem como a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (.74) atestaram a fatoriabilidade da matriz de correlações. Ambos os resultados indicam que a matriz é adequada para uma análise fatorial.

2.2.2 Análise fatorial

Para avaliar a replicabilidade da estrutura de três fatores da escala original GCQ-S, procedeu-se a uma Análise de Componentes Principais (ACP), com rotação *Varimax*. Na realização da ACP, optou-se por forçar 3 fatores, tendo em conta a estrutura original da escala (MacKenzie, 1983) e outras adaptações da mesma, nomeadamente a adaptação turca (Bilican & Mceneaney, 2017). Assim, a análise de fatores comuns resultou em 3 componentes, que explicam 57.5% da variância. O Fator I, explica 34.9%, o Fator II explica 12.4% da variância e o Fator III, que explica 10.2% da variância total. A solução fatorial encontrada diverge da original. O primeiro fator junta os itens 1, 2, 4 e 11, que na escala original, constituem da subescala de envolvimento, sendo que o item 8, que também faz parte desta subescala, não satura no Fator I, encontrado nesta amostra. O Fator II agrupa dois dos itens da subescala do evitamento – os itens 5 e 9, ficando a faltar o item 3 para a estrutura original se manter. O Fator III, que corresponderia teoricamente

à subescala do conflito apenas apresenta um item (12) da sua estrutura original. Os restantes itens que compõem a subescala do conflito, na versão original – itens 6,7 e 10, saturam no Fator I, de forma inversa. Podemos observar tudo isto na Tabela 3.

Tabela 3- Análise Fatorial do QCG- R - Matriz de correlações com rotação

	Fatores		
	I	II	III
1.Os membros do grupo gostavam e importavam-se uns com os outros.	,748	,288	,004
2. Os membros do grupo tentavam compreender porque faziam as coisas que faziam, procurando uma explicação para isso.	,697	,323	-,152
3. Os membros do grupo evitavam analisar questões importantes que estavam a acontecer entre si.	-,674	-,144	,162
4. Os membros do grupo sentiam que o que estava a acontecer era importante e que havia um sentido de participação conjunta.	,744	,306	-,186
5. Os membros do grupo dependiam do (s) líder(es) do grupo para orientação.	,081	,597	,506
6. Havia fricção e raiva entre os membros do grupo.	-,473	,103	,139
7. Os membros do grupo eram distantes e desligados uns dos outros.	-,756	-,054	-,125
8. Os membros do grupo desafiavam-se e confrontavam-se no sentido de resolver as questões que iam surgindo.	,158	,709	-,036
9. Os membros do grupo pareciam agir de acordo com o que pensavam ser aceitável para o grupo.	-,013	,740	-,089
10. Os membros do grupo rejeitavam-se e desconfiavam uns dos outros.	-,691	,085	,064
11. Os membros do grupo revelavam sentimentos ou informação pessoal sensível.	,641	-,037	,456
12. Os membros do grupo pareciam tensos e ansiosos.	-,310	-,109	,837

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 5 iterations.

Uma vez que os resultados obtidos não replicaram aqueles do instrumento original, foram utilizados outros procedimentos estatísticos, designadamente uma *Principal Axis Factoring* com rotação *Oblimin*, forçando três fatores, na tentativa de observar um comportamento da escala concordante com o da escala original. Contudo, os mesmos resultados foram observados, verificando-se que os problemas estruturais da escala se mantêm, nesta amostra. Uma vez que o *n* da amostra é reduzido, impossibilitou a realização de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), que poderá ser um

procedimento estatístico utilizado em estudos futuros para avaliar a estrutura desta nova escala.

2.3 Fidelidade/ Confiabilidade

Tendo em conta a estrutura original dos itens que compõem cada subescala na versão original, os valores de Alpha de Cronbach encontrados na presente amostra foram para a subescala de Envolvimento de .72, para a subescala de Evitamento de .08, e para a subescala de Conflito de .51.

2.4 Validade Discriminante e Convergente

As subescalas do QCG-R foram correlacionadas com outras escalas, a fim de averiguar a sua validade discriminante e convergente. Os resultados anteriores demonstram pouca robustez na consistência de uma das subescalas do QCG-R, nomeadamente da subescala do evitamento. Por um lado, esta subescala apresenta um baixo Alpha de Cronbach e é composta por itens cujas correlações tanto com os itens da própria subescala como com os restantes, são abaixo de valores .30, como podemos observar na tabela 4. Por outro lado, a subescala do evitamento é composta por apenas 3 itens, sendo que 2 deles (itens 5 e 9) apresentam os problemas acima mencionados, que impedem a extrapolação de resultados para a população geral. Assim, vamos analisar apenas os outros dois fatores que teoricamente são mais sustentáveis - a subescala do envolvimento e do conflito, com as restantes medidas utilizadas e descritas anteriormente.

Tabela 4- Valores das correlações inter-itens do QCG-R

	Item 1	Item 2	Item 3	Item 4	Item 5	Item 6	Item 7	Item 8	Item 9	Item 10	Item 11	Item 12
Item 1		0,64	-0,47	0,72	0,23	-0,18	-0,55	0,25	0,14	-0,35	0,34	-0,17
Item 2			-0,45	0,57	0,15	-0,37	-0,37	0,32	0,19	-0,35	0,35	-0,28
Item 3				-0,46	-0,09	0,54	0,32	-0,17	-0,17	0,34	-0,32	0,22
Item 4					0,11	-0,16	-0,61	0,32	0,19	-0,36	0,34	-0,34
Item 5						-0,04	-0,10	0,23	0,24	-0,03	0,10	0,18
Item 6							0,13	-0,02	-0,02	0,19	-0,23	0,14
Item 7								-0,17	-0,14	0,56	-0,43	0,16
Item 8									0,33	-0,06	0,19	-0,11
Item 9										-0,06	0,05	-0,04
Item 10											-0,31	0,30
Item 11												0,08
Item 12												

Deste modo, verificou-se que a subescala do envolvimento do QCG-R apresenta correlações estatisticamente significativas com a subescala de tomada de perspectiva do Índice de Reatividade Interpessoal (IRI) (Versão Portuguesa de Limpo, Alves & Castro, 2010), utilizado no presente estudo com a intenção de medir a empatia ($r = .34$; $p \leq 0.05$), mostrando ser uma correlação positiva fraca. A subescala do envolvimento do QCG-R apresenta também, correlações com todas as subescalas do Inventário de Aliança Terapêutica (IAT-RR) – versão C reduzida e revista (na sua versão portuguesa de Paulo P. Machado, 2006), usado para avaliação da qualidade da aliança terapêutica. Detalhadamente, apresenta uma correlação estatisticamente significativa com a subescala dos objetivos ($r = .41$; $p \leq 0.01$) e das tarefas ($r = .55$; $p \leq 0.01$), sendo estas correlações positivas moderadas e com a subescala dos vínculos ($r = -.34$; $p \leq 0.01$), sendo esta uma correlação negativa fraca.

A subescala do conflito apresentou correlações estatisticamente significativas com a subescala da confiança nos outros da Escala de Vinculação do Adulto (EVA) (Versão Portuguesa M. C. Canavarro, 1995), utilizada neste estudo com a função de avaliar a vinculação no adulto, ($r = -.41$; $p \leq 0.01$), sendo uma correlação negativa moderada; e apresentou, ainda, correlações com todas as subescalas do Inventário de Aliança Terapêutica (IAT-RR) – versão C reduzida e revista (na sua versão portuguesa de Paulo P. Machado, 2006), nomeadamente uma correlação negativa fraca ($r = -.29$;

$\rho \leq 0.01$) com a subescala dos objetivos e uma correlação negativa moderada com a subescala das tarefas ($r = -.46$; $\rho \leq 0.01$) e ainda uma correlação positiva moderada ($r = .40$; $\rho \leq 0.01$) com a subescala dos vínculos.

3. Discussão

O presente estudo, de carácter exploratório, teve como objetivo dar início ao processo de validação de uma escala de medida para o contexto cultural português. Este processo de tradução e adaptação de instrumentos de avaliação psicológica requer um conjunto de procedimentos que assegurem a sua validade e confiabilidade, de modo a que seja possível fazer comparações entre estudos, populações, culturas e países. Partindo desta premissa, e assegurando que todas as normas de tradução de validação de um instrumento foram cumpridas (Beaton et al., 2000), pretendemos de seguida discutir os resultados encontrados na amostra portuguesa utilizada.

De forma geral, as propriedades psicométricas do QCG-R na amostra portuguesa utilizada neste estudo, não replicaram aquelas encontradas para a escala original (MacKenzie, 1983), nem de estudos e traduções posteriores (Bilican & Mceneaney, 2017; Burlingame et al., 2006; Johnson et al., 2005). Assim, os resultados obtidos mostram que este instrumento, numa amostra portuguesa, não se comportou, do ponto de vista estatístico, da mesma forma que na amostra original do GCQ-S.

Começando pela análise da sensibilidade dos itens, esta mostrou que a maior parte dos itens não possuem bom poder discriminativo. Os itens 5, 8 e 9 mostraram ser os itens com maior sensibilidade e o item 10 é o que apresenta menor sensibilidade. Nesta primeira análise preliminar, percebemos logo que a escala QCG-R poderia apresentar problemas. Uma vez que a maioria dos itens não se mostra sensível, é legítimo questionar se toda a escala será também suficientemente discriminativa do construto que pretende avaliar - o clima de grupo e ainda, se a escala de resposta é adequada como resposta aos itens da escala. Quanto ao poder discriminativo da escala, avaliaremos este ponto mais à frente a quando da discussão da sua estrutura fatorial e validades divergente e convergente. Relativamente, à construção da escala de resposta e a decisão da tradução da mesma, optou-se por uma escala amplamente utilizada em vários questionários psicológicos, designadamente 0 “Nada”, 1 “Quase nada”, 2 “Um pouco”, 3 “Moderadamente”, 4 “Bastante”, 5 “Muito” e 6 “Extremamente”. Esta escala de resposta, na nossa perspetiva, é fiel à escala utilizada por MacKenzie (1983) e suficiente abrangente para situar as afirmações descritas nos itens de forma a que cada indivíduo consiga

responder tendo em consideração o grupo em que participou, como um todo, selecionando a opção de resposta que melhor descreve o grupo durante o processo terapêutico. Uma vez que esta escala visa ser uma medida de autorrelato, outras opções de resposta como 0 “Discordo totalmente” e 6 “Concordo totalmente”, que remetem para algo mais pessoal, poderiam ter contribuído para respostas diferentes, contudo, a escala de resposta escolhida parece abranger mais os pontos de resposta intermédios. Assim, os itens da escala não se mostraram sensíveis porque nem todas as opções de respostas foram selecionadas em todos os itens, não existindo uma distribuição normal dos mesmos. O problema pode partir da escala de resposta, como discutido anteriormente, ou dos próprios itens em si, o que debateremos de seguida.

Para além da fraca sensibilidade dos itens, na análise da matriz de correlações de todos os itens da escala traduzida verificamos que todos os itens apresentam correlações baixas entre si, o que evidencia problemas à partida, mostrando que os itens podem não estar suficientemente relacionados para medirem o construto que se propõem, neste caso, o clima de grupo.

Em relação aos valores de assimetria e curtose da amostra portuguesa utilizada, estes situam-se entre os valores de -1 e +1, podemos atestar a normalidade das distribuições, estando em consonância com os valores da adaptação turca do GCQ-S (Bilican & Mceneaney, 2017).

A Análise Fatorial do QCG-R, para avaliar a replicabilidade da estrutura de três fatores da escala original GCQ-S, foi realizada através da Análise de Componentes Principais (ACP), com rotação *Varimax*. Os resultados revelaram que o QCG-R apresenta 3 componentes, que explicam 57.5% da variância, como já foi descrito anteriormente. O Fator I junta os itens 1, 2, 4 e 11, que na escala original, constituem da subescala de envolvimento, sendo que o item 8, que também faz parte desta subescala, não satura no Fator I, encontrado nesta amostra. Assim, a subescala do envolvimento associada ao Fator I encontrado nesta amostra, mostra-se praticamente semelhante à versão original do questionário, ficando apenas a faltar o item 8, que satura no Fator II. Noutras adaptações, como a adaptação turca do GCQ-S (Bilican & Mceneaney, 2017), o item 8 também apresenta problemas psicométricos, acabando no trabalho citado por ter sido retirado da escala. Analisando o item com pormenor e o seu processo de tradução, este item foi o que suscitou mais dúvidas entre traduções: o item original “ *The members challenged and*

confronted each other in their efforts to sort things out.”, traduzido para “*Os membros do grupo desafiavam-se e confrontavam-se no sentido de resolver as questões que iam surgindo.*”. Em primeira instância, na tradução da expressão “*confronted each other*”, pois “confrontar-se”, no contexto português pode ser interpretado com uma conotação mais negativa, associando a confronto que tem como significado: oposição; conflito; disputa, conteúdo em si uma conotação mais negativa do que a expressão original pretende. Mesmo assim, foi escolhida a expressão “confrontavam-se” por conferir um significado mais claro com as expressões que lhe seguiam. Posto isto, a segunda dúvida estava relacionada com a expressão “*in their efforts*”, que completa a anterior “*challenged and confronted each other*”, que atribui um sentido positivo à expressão, querendo significar que os membros do grupo uniam os seus esforços enquanto se desafiavam e confrontavam. Assim sendo, foi necessário encontrar uma expressão equivalente em português, que traduzisse de forma fiel esta ideia. Foi escolhida a expressão “no sentido de”, uma vez que esta traduz a direção a um objetivo, a uma finalidade, compreendendo, assim, o sentido veiculado pela expressão linguística “*in their efforts*”, que não tem uma correspondência literal no português. A última expressão que suscitou dúvidas foi “*to sort things out*”, que por ser uma expressão idiomática da língua inglesa, não pode ser traduzida de forma literal para o contexto português, e por este motivo foi traduzida pela expressão “resolver as questões que iam surgindo”, que tem o mesmo significado.

Tendo em conta os pontos anteriores relativos à tradução do item 8 e considerando que ele integrava a subescala do envolvimento, que teoricamente visa medir a atmosfera de trabalho partilhado no grupo, através do trabalho terapêutico e dos vínculos afetivos do grupo (MacKenzie, 1983), sendo que o propósito do item 8 é medir confrontação, podemos especular que as expressões utilizadas na tradução do item, mencionadas anteriormente (e.g., “desafiavam-se e confrontavam-se” e “no sentido de resolver as questões que iam surgindo”), podem ter levado a uma interpretação mais negativa do item, do que aquilo que é a sua função original e ter influenciado a resposta. Este item aparece saturado no Fator II, que estaria associado à subescala do evitamento do GCQ-S, que pretende avaliar o quão evitam os membros de um grupo a responsabilidade para abordar questões difíceis que surgem no grupo e pela própria mudança (MacKenzie, 1983), faz algum sentido que este item se tenha associado ao Fator II, uma vez que a sua tradução é constituída por expressões que, também, remetem para uma responsabilidade de resolver problemas no grupo, com uma conotação mais negativa.

Mesmo considerando-se estas questões, a subescala do envolvimento revelou-se a mais robusta e consistente ($\alpha=.72$), assemelhando-se a resultados anteriores noutros estudos, que também apresentam com valores de Alpha de Cronbach a oscilarem entre .70 e .94 (Gullo et al., 2015; Johnson et al., 2005; Johnson et al., 2006; Bonsaksen et al., 2011; Joyce, MacNair-Semands, Tasca, & Ogrodniczuk, 2011; Kivlighan Jr, London, & Miles, 2012) e também em termos de resultados médios ($M= 4.13$), que vai de encontro aos resultados do estudo da adaptação turca da mesma escala ($M= 4.38$) (Bilican & Mceneaney, 2017).

O Fator II agrupou dois dos itens da subescala do evitamento – os itens 5 e 9, ficando a faltar o item 3 para a estrutura original se manter. Esta subescala do GCQ-S pretende avaliar o quanto os membros do grupo evitam a responsabilidade pelo próprio processo de mudança e reflete os esforços dos membros para se adequarem às expectativas percebidas (MacKenzie, 1983) e inclui os itens como o evitamento de problemas entre membros (item 3), dependência do líder do grupo (item 5) e envolvimento numa monotorização de comportamentos sociais elevada (item 9). Por outras palavras reflete fatores de conformidade, superficialidade e negação das responsabilidades (Gullo et al., 2015; Johnson et al., 2006), podendo ser interpretada pelos indivíduos que respondem a estes itens com maior culpabilização e responsabilização pessoal, e portanto mais negativos para o próprio. Este facto pode condicionar a forma de resposta e por consequência enviesar os resultados. Olhando de forma mais estatística e estrutural para estes itens, nomeadamente, para o item 5 e 9, verificamos que, se por um lado são os itens com maior sensibilidade, por outro lado são os mais problemáticos ao nível das correlações inter-itens, demonstrando que desde logo apresentam problemas que condicionam a estrutura fatorial da escala e da subescala do evitamento e a sua robustez. Quanto à tradução dos itens que compõem a subescala do envolvimento, eles não se revelam dos que suscitaram mais dúvidas. O item 3, originalmente “*The members avoid looking at important issues going on between themselves.*”, traduzido para “Os membros do grupo evitavam analisar questões importantes que estavam a acontecer entre si.”, apenas a tradução da expressão “*looking at*” provocou algumas dúvidas na tradução. Assim, foi seleccionada a expressão “analisar” para traduzir “*looking at*” (expressão que pode implicar também um sentido de resolução), uma vez que no contexto português significa fazer a análise de, examinar com atenção e por isso vai de encontro à expressão original. O item 5 foi traduzido sem causar muitas dúvidas. E o item 9 “*The members*

appeared to do things the way they thought would be acceptable to the group.”, traduzido para “Os membros pareciam agir de acordo com o que pensavam ser aceitável para o grupo.”, não suscitou muitas dúvidas na sua tradução, apenas se optou por traduzir a expressão “*do the things they do*” pela expressão “agir”, que é equivalente em termos de significado e tem mais sentido no contexto português.

Assim, o Fator II encontrado nesta amostra é próximo da subescala do evitamento da escala original, apresentando praticamente a mesma estrutura (mantém os itens 5 e 9, faltando o item 3), mas revela graves problemas de consistência interna ($\alpha=.08$), bastante mais baixa que os valores de outros estudos (com valores a oscilarem entre .36 e .59) (Gullo et al., 2015; Johnson et al., 2005; Johnson et al., 2006), o que pode ser explicado pela fraca correlação dos itens e por esta subescala ser constituída apenas por 3 itens. Devido a esta subescala do evitamento ter uma fraca consistência interna e fraca confiabilidade, levou alguns autores a considerar esta subescala como a mais problemática do GCQ-S e a recomendar que os investigadores abandonem o uso desta subescala da GCQ-S em futuras pesquisas (Burlingame et al., 2006).

Uma vez que esta subescala apresenta resultados psicométricos pouco robustos e coerentes, várias pesquisas avaliaram os problemas existentes nesta subescala. Johnson e colaboradores (2005) descobriram que um modelo de dois fatores do GCQ-S, onde não figurava a subescala do evitamento, que fornecia um bom ajuste dos dados. Posteriormente, Johnson e colaboradores (2006) sugeriram que a robustez da subescala do evitamento ainda estava aberta ao debate, uma vez que apesar dos baixos valores de confiabilidade desta subescala, a inclusão desta subescala no GQC-S, permitiram obter-se um modelo mais ajustado dos itens do que sem esta subescala e possibilitava que os pesquisadores fizessem comparações com outros estudos e entre populações interculturais (Johnson et al., 2006). Este facto sustentou a manutenção da subescala do envolvimento na versão turca do GCQ-S (Bilican & Mceneaney, 2017).

O Fator III, encontrado nesta amostra, que corresponderia teoricamente à subescala do conflito apenas apresenta um item (12) da sua estrutura original. Os restantes itens que compõem a subescala do conflito, na versão original – itens 6, 7 e 10, saturam no Fator I, de forma inversa. A subescala do conflito visa medir a raiva/desacordo interpessoal (item 6), afastamento entre elementos (item 7) a desconfiança mútua (item 10) e a tensão grupal (item 12).

Relativamente à tradução dos itens referentes à subescala do conflito, na tradução do item 6 “*There was friction and anger between the members.*”, traduzido para “Havia fricção e raiva entre os membros do grupo.”, a palavra “*anger*” suscitou algumas dúvidas, no sentido da intensidade que esta palavra impõe no inglês e que talvez pudesse não ser a mesma no contexto português. Por este motivo, optou-se por traduzir esta palavra por “raiva”, mantendo-se a intensidade. No item 7 “*The members were distant and withdrawn from each other.*”, traduzido para “Os membros do grupo eram distantes e desligados uns dos outros.”, a palavra “*withdrawn*” suscitou algumas dúvidas na tradução, uma vez que pode querer dizer que os elementos estão afastados ou desligados entre si. A expressão escolhida para a tradução foi “desligados” porque esta nos remete para uma atitude em relação ao outro, mais de acordo com o objetivo original. Os itens 10 e 12 foram traduzido sem causar dúvidas.

Uma vez que a subescala de conflito é composta por quatro itens que incluem não apenas raiva e tensão, mas também distância entre os membros, desconfiança e rejeição, pode conduzir a diferentes interpretações dos itens. Enquanto o confronto e a tolerância de expressão de sentimentos negativos e o desacordo são considerados como parte do trabalho psicológico necessário do grupo, e portanto algo positivo para o grupo, a desconfiança e a rejeição são consideradas mais problemáticas, podendo ter uma interpretação mais negativa (Johnson, 2013), enviesando o processo de resposta aos itens. Perante isto, é possível suspeitar nos grupos onde foi recolhida a amostra, existe um funcionamento bastante bom (Bakali et al., 2013), ou seja, há níveis maiores de envolvimento e menores de conflito, que podem ter-se refletido nos resultados. Mesmo assim, o principal problema da subescala do conflito é a nível estrutural, uma vez que os itens 6,7 e 10 aparecem no Fator I, saturados de forma inversa. A primeira questão que se pode colocar é se com a inversão destes itens, eles passariam a figurar no Fator III. Este procedimento foi testado estatisticamente e os resultados mantêm-se, continuando estes itens a aparecer no Fator I, mas desta vez de forma positiva. Os itens em questão medem a raiva/desacordo interpessoal (item 6), afastamento entre elementos (item 7) a desconfiança mútua (item 10) e, teoricamente, têm uma conotação clara associada a conflito e raiva entre os membros do grupo, o que seria de esperar que se agregassem no mesmo fator. Como isto não se verificou na amostra portuguesa, podemos pensar se o conceito de envolvimento (Fator I), no contexto português, reflete também estes aspetos mais negativos. O conceito de envolvimento, culturalmente, expressa o

ato ou efeito de envolver ou envolver-se, um meio circundante de determinada ação, contexto em que algo se insere, participação ativa em determinado projeto ou ainda, uma ligação afetiva ou amorosa. Nenhum destes conceitos parece abranger o conceito de conflito e portanto, é ainda mais difícil compreender estes resultados. Possivelmente, em estudos futuros seria útil estudar pormenorizadamente a relação das subescalas do envolvimento e do conflito, para perceber estes resultados.

Estes resultados controversos foram também encontrados noutros estudos, em que as conclusões sobre as escalas do evitamento e conflito se revelam menos claras, sendo que algumas pesquisas sugerem que estas escalas estão negativamente relacionadas com os resultados positivos na terapia (Kivlighan Jr & Tarrant, 2001; MacKenzie, 1983), enquanto outras pesquisas sugerem que maior evitamento e conflito associam-se a resultados positivos da terapia (O'Neill & Constantino, 2008; Tschuschke & Greene, 2002). Estas evidências podem ajudar a interpretar os resultados obtidos no presente estudo. Por um lado, há evidências que mostram que a subescala do envolvimento está relacionada com melhores resultados na terapia (Burlingame et al., 2011) e por outro lado, a subescala de conflito parece predizer negativamente os resultados da terapia (Johnson et al., 2006). Em forma de reflexão sobre os resultados obtidos no Fator I, considerando que nele saturam a maior parte dos itens da subescala do envolvimento e do conflito, de forma inversa, as evidências anteriormente mencionadas por outros autores, parecem ir de encontro aos resultados encontrados nesta amostra. As diferenças na estrutura fatorial do GCQ-S foram discutidas em estudos como o de Johnson e colaboradores (2006) que mostraram que as subescalas de conflito e envolvimento partilhavam alguns itens, tal como aconteceu na nossa amostra. Uma outra explicação possível apresentada pelos mesmos autores, o facto dos sentimentos em relação a outros membros do grupo poder ser visto pelos líderes do grupo e alguns membros como saudável, enquanto alguns dos membros do grupo como negativo (Johnson et al., 2006). No caso do presente estudo, os itens relativos ao conflito que aparecem no Fator I, como uma experiência emocional não negativa, e por isso associa-se ao envolvimento e não ao conflito. Apesar, destes problemas, a subescala do conflito apresenta noutros estudos uma boa consistência interna (com valores a oscilarem entre .69 e .96) e no presente estudo, a consistência é razoável ($\alpha = .51$).

As subescalas do QCG-R foram correlacionadas com outras escalas, a fim de averiguar a sua validade discriminante e convergente. De destacar, verificou-se que a

subescala do envolvimento do QCG-R apresenta correlações estatisticamente significativas com a subescala de tomada de perspectiva do Índice de Reatividade Interpessoal (IRI) utilizado no presente estudo com a intenção de medir a empatia, mostrando ser uma correlação positiva fraca. Este resultado vai de encontro a outras evidências encontradas como o facto da empatia grupal constituir um processo em que os membros de um grupo começam a internalizar e a experimentar as perspetivas e emoções dos membros do grupo, aumentando assim o clima de grupo favorável (Sirin et al., 2016), na medida em que quanto mais empatia sentida entre os membros de um grupo e o próprio líder, mais favorável será o desenvolvimento de um clima de grupo positivo e por conseguinte, um maior envolvimento (Gold et al., 2013; Sirin et al., 2016). A empatia como ajuda a fomentar um clima de grupo seguro, é expectável que a subescala do envolvimento se relacione com o construto da empatia, o que é corroborado pelos nossos resultados.

A subescala do envolvimento do QCG-R apresenta também, correlações com todas as subescalas do Inventário de Aliança Terapêutica (IAT-RR) usado para avaliação da qualidade da aliança terapêutica. A aliança terapêutica é basilar na construção de uma relação entre o terapeuta e os membros do grupo, essencial para o funcionamento do grupo e para o clima grupal favorável (Gaston & Marmar, 1991; Johnson et al., 2005). Em psicoterapia de grupo, a aliança terapêutica corresponde à responsabilidade compartilhada, entre os membros do grupo e o líder, para trabalharem em direção aos objetivos do tratamento, apresentando uma relação preditiva com os resultados positivos da mesma (Chapman et al., 2012), que são questões medidas pelos itens da subescala do envolvimento, uma vez que esta capta o trabalho terapêutico construtivo e capta os vínculos afetivos do grupo. Os resultados encontrados na nossa amostra vão de encontro ao esperado teoricamente, com exceção da correlação negativa entre a subescala do envolvimento com a subescala dos vínculos da IAT –RR, que demonstra que quanto menos vínculos existirem entre os membros dos grupos, maior será o seu envolvimento. Este será discutido mais à frente.

A subescala do conflito apresentou correlações estatisticamente significativas com a subescala da confiança nos outros da Escala de Vinculação do Adulto (EVA), utilizada neste estudo com a função de avaliar a vinculação no adulto, sendo uma correlação negativa moderada, o que seria expectável uma vez que quanto maior a confiança nos outros, menores os níveis de conflito entre os membros do grupo (Tasca et

al., 2006). E apresentou, ainda, correlações com todas as subescalas do Inventário de Aliança Terapêutica (IAT-RR), nomeadamente uma correlação negativa fraca com a subescala dos objetivos e uma correlação negativa moderada com a subescala das tarefas, demonstrando que menos direção para os mesmos objetivos e tarefas, maiores os níveis de conflito, o que também se verifica neste estudo e vai de encontro à literatura (Tasca et al., 2006).

Para além destas, a subescala do conflito apresenta uma correlação positiva moderada com a subescala dos vínculos, ou seja, quanto mais vínculos existem entre os membros de um grupo, mais conflito existiria, o que é contrário a tudo o documentado na literatura, que descreve que maiores níveis de vinculação entre os indivíduos, se associam a menores níveis de conflito e ainda quanto mais forte for a identificação, mais disposto estará um elemento do grupo a partilhar as suas experiências pessoais e recursos com os outros membros do grupo e para além disto, a força de identificação ao grupo afeta a maneira pela qual os indivíduos equilibram interesses individuais e coletivos no grupo (Baldassarri & Grossman, 2013). Este resultado pode ser lido com o resultado anterior em que se verifica uma correlação negativa entre a subescala do envolvimento com a subescala dos vínculos da IAT-RR, que demonstra que quanto menos vínculos existirem entre os membros dos grupos, maior será o seu envolvimento. Estes dois resultados incoerentes voltam a cair na questão da análise fatorial realizada em que as subescalas do envolvimento e do conflito aparecem no mesmo fator. Será importante, em estudos futuros analisar, com maior pormenor a construção e cotação dos itens que compõem estas subescalas ou verificar se o envolvimento e o conflito não refletem apenas um grande construto dentro do clima de grupo.

No seguimento disto, um estudo mostra algumas interações entre as subescalas da GCQ-S, nomeadamente entre o envolvimento e o conflito, estando o envolvimento negativamente associado a um resultado favorável quando o conflito é alto. Quando o conflito é baixo, o envolvimento está positivamente correlacionado com um resultado favorável da terapia (Ogrodniczuk & Piper, 2003). O estudo das interações entre estas subescalas pode, também, no futuro ser pertinente para explicar os resultados obtidos na amostra portuguesa entre a subescala do envolvimento e a do conflito.

Em resumo, as subescalas do QCG-R não replicaram as subescalas originais, como discutido até então. Para explicar isto, Johnson e colaboradores (2006) levantaram

algumas questões, uma vez que também encontraram problemas psicométricos nas subescalas do GCQ-S. Uma delas relaciona-se com até que ponto análises num nível individual são válidas para verificar cada subescala, ou em outras palavras, quanta dependência intragrupo existe para cada subescala; também a pertinência de estudar como as subescalas funcionam nos níveis grupal e individual; e também, para estudos futuros, levantam a hipótese de análises que incorporem metodologias multiníveis possam sugerir diferentes estruturas de fatores para as subescalas do GCQ-S (Johnson et al., 2006).

Uma destas questões parece-me relevante para destacar e refletir. A possibilidade de verificar se os itens e as subescalas da GCQ-S apresentam alguma dependência intragrupo, o que poderia indicar necessidade de distinguir entre os resultados em dois níveis: grupal e individual (Johnson et al., 2006). Outros autores, também, propõem outros procedimentos estatísticos para testar escalas como esta. O nível de análise deve ser considerado, tendo em conta fenómenos individuais e grupais. Assim, novos métodos estatísticos, como a análise fatorial multinível, possibilitam a descrição de dados dentro de grupos, bem como entre níveis de grupos (Burlingame et al., 2006; Johnson et al., 2005).

Este estudo teve algumas limitações nomeadamente o n da amostra ser relativamente pequeno, podendo ter comprometido a validação da escala, uma vez que impossibilitou a realização de uma Análise Fatorial Confirmatória. Também, em estudos futuros poderia ser útil, aumentar e diversificar a amostra, quanto ao contexto onde é recolhida, (e.g., populações clínicas), que neste estudo foi em grupos do contexto privado e apenas com uma linha teórica de orientação, o psicodrama e onde a maioria da amostra era constituída por indivíduos com elevada formação académica.

A principal força desta pesquisa, traduz-se na abertura de caminho para a validação de um instrumento inexistente no contexto português e trazer para discussão a dificuldade deste processo.

4. Conclusão

A expectativa inicial deste trabalho passava por encontrar propriedades psicométricas do QCG-R, suficientemente sólidas para que se validasse esta escala para o contexto português e a sua utilização se tornasse possível para a investigação empírica em Portugal. Embora, este objetivo não tivesse sido cumprido por falta de solidez dos resultados estatísticos, este estudo apresenta-se como o primeiro passo para a continuidade do estudo dos processos de validação intercultural e mais concretamente, na validação daquela que é considerada a medida de grupo mais frequentemente utilizada na literatura (Johnson et al., 2005). Assim, foi possível compreender a dificuldade do processo de validação e adaptação de um instrumento de medida de um construto psicológico e que este processo se mostra de maior importância para possibilitar a avaliação com precisão de construtos psicológicos de terapia de grupo e permitir a comparação entre diferentes contextos culturais.

Referências Bibliográficas

- Bakali, J. V., Wilberg, T., Klungøy, O., & Lorentzen, S. (2013). Development of group climate in short-and long-term psychodynamic group psychotherapy. *International journal of group psychotherapy*, 63(3), 366-393.
- Baldassarri, D., & Grossman, G. (2013). The Effect of Group Attachment and Social Position on Prosocial Behavior. Evidence from Lab-in-the-Field Experiments. *PLOS ONE*, 8(3), e58750. doi:10.1371/journal.pone.0058750
- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, 25(24), 3186-3191.
- Bilican, F. I., & Mceneaney, A. (2017). THE GROUP CLIMATE QUESTIONNAIRE: ADAPTATION AND PSYCHOMETRIC PROPERTIES OF THE TURKISH VERSION. *Elektronik Sosyal Bilimler Dergisi*. doi:10.17755
- Bonsaksen, T., Borge, F.-M., & Hoffart, A. (2013). Group climate as predictor of short- and long-term outcome in group therapy for social phobia. *International journal of group psychotherapy*, 63(3), 394-417.
- Bonsaksen, T., Lerdal, A., Borge, F.-M., Sexton, H., & Hoffart, A. (2011). Group climate development in cognitive and interpersonal group therapy for social phobia. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 15(1), 32.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia*, 22(53), 423-432. doi:10.1590/1982-43272253201314
- Budman, S. H., Soldz, S., Demby, A., Feldstein, M., Springer, T., & Davis, M. S. (1989). Cohesion, alliance and outcome in group psychotherapy. *Psychiatry*, 52(3), 339-350.
- Burlingame, MacKenzie, & Strauss. (2004). Small group treatment: Evidence for effectiveness and mechanisms of change. *Handbook of psychotherapy and behavior change*, 5, 647-696.
- Burlingame, McClendon, & Alonso. (2011). Cohesion in group therapy. *Psychotherapy*, 48(1), 34. doi:10.1037/a0022063
- Burlingame, G., Strauss, B., Joyce, A., MacNair-Semands, R., MacKenzie, K., Ogrodniczuk, J., & Taylor, S. (2006). CORE Battery-Revised: An assessment tool

- kit for promoting optimal group selection, process, and outcome. *New York: American Group Psychotherapy Association.*
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155-186.
- Chapman, C. L., Burlingame, G. M., Gleave, R., Rees, F., Beecher, M., & Porter, G. S. (2012). Clinical prediction in group psychotherapy. *Psychotherapy Research*, 22(6), 673-681.
- Costa, A. M. M. d. (2014). *Vinculação, aliança terapêutica e mudança em psicoterapia.*
- Crowe, T. P., & Grenyer, B. F. (2008). Is therapist alliance or whole group cohesion more influential in group psychotherapy outcomes? *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 15(4), 239-246.
- Davis, M. H. (2018). *Empathy: A social psychological approach*: Routledge.
- DeLucia-Waack, J. L., Kalodner, C. R., & Riva, M. (2014). *Handbook of group counseling and psychotherapy* (2 ed.): Sage Publications.
- Flores, P. J. (2010). Group psychotherapy and neuro-plasticity: An attachment theory perspective. *International journal of group psychotherapy*, 60(4), 546-570. doi:10.1521/ijgp.2010.60.4.546
- Fuhriman, A., Drescher, S., Hanson, E., Henrie, R., & Rybicki, W. (1986). Refining the measurement of curativeness: An empirical approach. *Small Group Behavior*, 17(2), 186-201.
- Gaston, & Marmar. (1991). Manual of the California Psychotherapy Alliance Scales (CALPAS). *Unpublished manuscript. Department of Psychiatry, McGill University: Montreal, Canada.*
- Gaston, L. (1990). The concept of the alliance and its role in psychotherapy: Theoretical and empirical considerations. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 27(2), 143.
- Gold, P. B., Kivlighan Jr, D. M., & Patton, M. J. (2013). Accounting for session-level dependencies in longitudinal associations of group climate and therapeutic factors in interpersonally focused counselor-training groups. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 17(2), 81.
- Gullo, S., Coco, G. L., Di Fratello, C., Giannone, F., Mannino, G., & Burlingame, G. (2015). Group climate, cohesion and curative climate. A study on the common factors in group process and their relation with members attachment dimensions.

Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome, 18(1).
doi:10.7411/RP.2014.023

- Hatcher, R. L., Barends, A., Hansell, J., & Gutfreund, M. J. (1995). Patients' and therapists' shared and unique views of the therapeutic alliance: An investigation using confirmatory factor analysis in a nested design. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 63(4), 636.
- Horvath, A. O. (2000). The therapeutic relationship: From transference to alliance. *Journal of clinical psychology*, 56(2), 163-173.
- Horvath, A. O. (2005). The therapeutic relationship: Research and theory: An introduction to the Special Issue. *Psychotherapy Research*, 15(1-2), 3-7.
- Horvath, A. O., Del Re, A., Flückiger, C., & Symonds, D. (2011). Alliance in individual psychotherapy. *Psychotherapy*, 48(1), 9.
- Johnson, J. E. (2013). Beware of storming: Research implications for interpreting Group Climate Questionnaire scores over time. *International journal of group psychotherapy*, 63(3), 433-446.
- Johnson, J. E., Burlingame, G. M., Olsen, J. A., Davies, D. R., & Gleave, R. L. (2005). Group climate, cohesion, alliance, and empathy in group psychotherapy: Multilevel structural equation models. *Journal of Counseling Psychology*, 52(3), 310. doi:10.1037/0022-0167.52.3.310
- Johnson, J. E., Pulsipher, D., Ferrin, S. L., Burlingame, G. M., Davies, D. R., & Gleave, R. (2006). Measuring group processes: A comparison of the GCQ and CCI. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 10(2), 136. doi:10.1037/1089-2699.10.2.136
- Kivlighan, D. M., Lo Coco, G., & Gullo, S. (2012). Attachment anxiety and avoidance and perceptions of group climate: An actor–partner interdependence analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 59(4), 518. doi:10.1037/a0030173
- Kivlighan Jr, D. M., & Kivlighan III, D. M. (2013). Group climate research: Where do we go from here? *International journal of group psychotherapy*, 63(3), 419-431.
- Kivlighan Jr, D. M., Multon, K. D., & Brossart, D. F. (1996). Helpful impacts in group counseling: Development of a multidimensional rating system. *Journal of Counseling Psychology*, 43(3), 347.
- Kivlighan Jr, D. M., & Tarrant, J. M. (2001). Does group climate mediate the group leadership–group member outcome relationship? A test of Yalom's hypotheses

- about leadership priorities. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 5(3), 220.
- Lambert, M. J. (2013). *Bergin and Garfield's handbook of psychotherapy and behavior change*: John Wiley & Sons.
- Lambert, M. J., & Bergin, A. (1993). *Handbook of psychotherapy and behavior change*: John Wiley & Sons.
- Limpo, T., Alves, R. A., & Castro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 8, 171-184.
- MacKenzie. (1983). The clinical application of a group climate measure. *Advances in group psychotherapy: Integrating research and practice*, 159-170.
- MacKenzie. (1990). *Introduction to time-limited group psychotherapy*: American Psychiatric Pub.
- Marmarosh, C. L. (2014). Empirical research on attachment in group psychotherapy: Moving the field forward. *Psychotherapy*, 51(1), 88. doi:10.1037/a0032523
- Marziali, E., Munroe-Blum, H., & McCleary, L. (1997). The contribution of group cohesion and group alliance to the outcome of group psychotherapy. *International journal of group psychotherapy*, 47(4), 475-497.
- McClendon, D. T., & Burlingame, G. M. (2010). Group Climate: Construct in Search. *The Oxford handbook of group counseling*, 164.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*: Guilford Press.
- Muller, J. T., & Miles, J. R. (2017). Intergroup dialogue in undergraduate multicultural psychology education: Group climate development and outcomes. *Journal of Diversity in Higher Education*, 10(1), 52.
- O'Brien, C. (2016). *The Process Behind Group Therapy: Understanding the Climate of a Cognitive Behavioral Therapy (CBT) Group for Adolescents with Mood Disorders*: Palo Alto University.
- O'Neill, R. M., & Constantino, M. J. (2008). Systems–Centered Training Groups' Process and Outcome: A Comparison with AGPA Institute Groups. *International journal of group psychotherapy*, 58(1), 77-102.
- Ogrodniczuk, J. S., & Piper, W. E. (2003). The effect of group climate on outcome in two forms of short-term group therapy. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 7(1), 64.

- Ramos, M. A. F. (2008). *Análise das características psicométricas da versão portuguesa do Working Alliance Inventory-short revised*.
- Ryum, T., Hagen, R., Nordahl, H. M., Vogel, P. A., & Stiles, T. C. (2009). Perceived group climate as a predictor of long-term outcome in a randomized controlled trial of cognitive-behavioural group therapy for patients with comorbid psychiatric disorders. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 37(5), 497-510.
- Sirin, C. V., Valentino, N. A., & Villalobos, J. D. (2016). Group Empathy Theory: The Effect of Group Empathy on US Intergroup Attitudes and Behavior in the Context of Immigration Threats. *The Journal of Politics*, 78(3), 893-908. doi:10.1086/685735
- Sousa, V. D., & Rojjanasrirat, W. (2011). Translation, adaptation and validation of instruments or scales for use in cross-cultural health care research: a clear and user-friendly guideline. *Journal of evaluation in clinical practice*, 17(2), 268-274.
- Tasca, G. A., Ritchie, K., Conrad, G., Balfour, L., Gayton, J., Lybanon, V., & Bissada, H. (2006). Attachment scales predict outcome in a randomized controlled trial of two group therapies for binge eating disorder: An aptitude by treatment interaction. *Psychotherapy Research*, 16(1), 106-121. doi:10.1080/10503300500090928
- Tschuschke, V., & Greene, L. R. (2002). Group therapists' training: what predicts learning? *International journal of group psychotherapy*, 52(4), 463-482.
- Woody, S. R., & Adessky, R. S. (2002). Therapeutic alliance, group cohesion, and homework compliance during cognitive-behavioral group treatment of social phobia. *Behavior Therapy*, 33(1), 5-27.
- Yalom, I. D., & Leszcz, M. (2005). *Theory and practice of group psychotherapy*: Basic books.